

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

**EDUCAÇÃO CRISTÃ E O DESENVOLVIMENTO DA FÉ: UM ESTUDO DE CASO
COM ADULTOS EM UMA COMUNIDADE BATISTA DE SÃO PAULO**

Dayane Cristina da Cunha Fernandes

Dayane Cristina da Cunha Fernandes

**EDUCAÇÃO CRISTÃ E O DESENVOLVIMENTO DA FÉ: UM ESTUDO DE CASO
COM ADULTOS EM UMA COMUNIDADE BATISTA DE SÃO PAULO**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito final no curso de Bacharel em
Teologia da Faculdade Teológica Batista de São
Paulo**

Orientadora: Elana Costa Ramiro

São Paulo

2026

Fernandes, Dayane Cristina da Cunha.

Educação cristã e o desenvolvimento da fé: um estudo de caso com adultos em uma comunidade Batista de São Paulo/ Dayane Cristina da Cunha Fernandes. - São Paulo, 2026. 47 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Teologia) - Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

Orientadora: Profa. Ma. Elana Costa Ramiro

1. Educação cristã. 2. James Fowler. 3. Estágios de desenvolvimento da fé. 4. Maturidade cristã. 5. Métodos ativos. I. Título. II. Ramiro, Elana Costa.

CDD 234.2

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

Dayane Cristina da Cunha Fernandes

**EDUCAÇÃO CRISTÃ E O DESENVOLVIMENTO DA FÉ: UM ESTUDO DE CASO
COM ADULTOS EM UMA COMUNIDADE BATISTA DE SÃO PAULO**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Elana Costa Ramiro - Orientadora

Dedico este trabalho a todas as pessoas que amam Jesus e buscam crescer na fé por compreenderem o propósito de sua existência.

A todas aquelas que, em seus tropeços, viram a fé vacilar...

E àquelas que, ainda, não trocaram a fé em si mesmas, ou nas coisas que amam, pela fé que nos levará ao Céu.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Papai do Céu, que me ama incondicionalmente, mesmo sabendo quem eu seria, e aguardando quem eu serei. A Jesus Cristo, meu Salvador e Senhor, e o motivo que me faz querer escrever cada vez mais. E ao doce Espírito Santo, que me anima, me conforta, me confronta e no silêncio da minha alma, nas noites tristes e nos dias mais felizes, transborda Sua presença.

À minha mãe, Ester, meu maior exemplo de força, doçura e alegria. Obrigada pelo seu amor e suas orações durante mais esta jornada acadêmica e durante minha vida toda. Você sempre será minha melhor professora!

Agradeço ao meu esposo Elias, pelo ombro amigo, pelas orações, pelo colo em meus momentos de crise, pelo apoio em casa, com as crianças, pelo olhar que só você sabia me dar quando eu me sentia incapaz de ocupar o lugar como seminarista. Obrigada por me fazer mulher, e uma mulher que estuda Teologia!

Agradeço à minha amada filha Carolina, e ao meu amado filho Guilherme. Como sou grata a Deus por ser mãe de vocês! Saibam que muito deste trabalho tem a ver com nossas conversas, nossas vivências e o meu mais profundo desejo que vocês confirmem a cada dia a fé em Jesus Cristo. Que a fé herdada se transforme em uma fé madura que glorifique ao Senhor!

À PIB Guaianases, em especial às mulheres que tornam a Teologia viva e simples através do amor e do serviço. Ao Pastor Ronie Rodrigues, pelas exortações e incentivos. E à irmã Isabel Vasconcelos, cujo cuidado transcende títulos. A senhora é o que é, para glória de Deus!

À minha orientadora, Elana Costa Ramiro, por todo o apoio antes e durante a faculdade. Obrigada por me guiar neste trabalho, pelas conversas, pelas oportunidades e pelo encorajamento quando tudo parecia grande demais.

À Faculdade Teológica Batista de São Paulo, em especial à Miriam, pelas oportunidades incríveis de viver a Teologia e a Educação Cristã com intensidade.

Aos meus amigos e companheiros de jornada EAD: pastor Adolfo, Berúdio, Francisco e Jonatas. Obrigada por me tratarem com respeito e igualdade.

Por fim, agradeço a todos os amigos e familiares, próximos, distantes e aos recém-chegados. Todos vocês me ajudam a ser quem eu sou e a viver a fé. É um prazer dividir o mesmo tempo-espço com vocês e será ainda melhor viver no Céu com vocês!

Somos chamados à mesa de Deus juntos, não individualmente. A formação espiritual, assim, sempre inclui a formação para a vida em comunidade. Todos nós temos de encontrar o nosso caminho de volta para Deus, em solitude e em comunidade com os outros.

Henry Nouwen

RESUMO

Este trabalho situa-se no campo da Educação Cristã, buscando compreender como a fé se estrutura e amadurece no contexto da formação bíblica comunitária. O objetivo central é analisar o desenvolvimento da fé dos membros adultos da Escola Bíblica da Primeira Igreja Batista em Guaianases (PIBG) à luz da teoria dos estágios de James W. Fowler, avaliando os desafios pedagógicos para a maturidade cristã. A fundamentação teórica estabelece um diálogo interdisciplinar entre as Escrituras Sagradas e a psicologia do desenvolvimento, descrevendo a progressão da fé desde as imagens intuitivas da infância até as formas reflexivas da vida adulta. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de campo descritiva e analítica, de abordagem quanti-qualitativa, que utilizou a *Faith Development Scale* (FDS) como instrumento de coleta de dados em uma amostra de 51 participantes. Os resultados revelaram que a totalidade dos respondentes está fundamentada no Estágio 3 (Fé Sintético-Convencional), caracterizado por uma elevada lealdade institucional e dependência de autoridades externas. O diagnóstico evidenciou que o modelo tradicional de ensino expositivo pode atuar como um fator de retenção espiritual, uma vez que participantes com décadas de assiduidade institucional permaneceram estruturalmente no mesmo estágio de fé. Conclui-se que o amadurecimento integral exige uma transição para a Fé Individuativo-Reflexiva (Estágio 4), mediada pela emergência do ego executivo e pelo processo de autoautorização. Recomenda-se o investimento em metodologias ativas para preencher o vácuo de maturidade identificado, transformando membros consumidores em discípulos multiplicadores capazes de viver uma fé autônoma e dialógica.

Palavras-chave: Educação Cristã. James Fowler. Estágios de Desenvolvimento da Fé. Maturidade Cristã. Metodologias Ativas.

ABSTRACT

This work is situated in the field of Christian Education, seeking to understand how faith is structured and matures within the context of community biblical formation. The central objective is to analyze the development of faith among adult members of the Bible School of the First Baptist Church in Guaianases (PIBG) in light of James W. Fowler's stages theory, evaluating the pedagogical challenges for Christian maturity. The theoretical framework establishes an interdisciplinary dialogue between the Holy Scriptures, and developmental psychology, describing the progression of faith from the intuitive images of childhood to the reflective forms of adulthood. Methodologically, it is a descriptive and analytical field research with a quantitative-qualitative approach, utilizing the *Faith Development Scale* (FDS) as a data collection instrument with a sample of 51 participants. The results revealed that all respondents are grounded in Stage 3 (Synthetic-Conventional Faith), characterized by high institutional loyalty and dependence on external authorities. The diagnosis showed that the traditional expository teaching model can act as a factor of spiritual retention, as participants with decades of institutional attendance remained structurally in the same stage of faith. It is concluded that integral maturation requires a transition to Individuative-Reflective Faith (Stage 4), mediated by the emergence of the executive ego and the process of self-authorization. Investment in active methodologies is recommended to fill the identified maturity gap, transforming consumer members into multiplying disciples capable of living an autonomous and dialogical faith.

Keywords: Christian Education. James Fowler. Stages of Faith Development. Christian Maturity. Active Methodologies.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 O DESENVOLVIMENTO DA FÉ: DAS ESCRITURAS À JAMES W. FOWLER	14
1.1 A dimensão bíblica e teológica do crescimento espiritual	14
1.2 Perspectivas históricas: Clairvaux e a progressão da fé	16
2 O DESENVOLVIMENTO DA FÉ, SEGUNDO JAMES W. FOWLER	18
2.1 Gênese e influências teológicas da Teoria de Fowler	18
2.2 A natureza da fé: entre a estrutura e o conteúdo	19
2.3 Os estágios do desenvolvimento da fé	20
2.3.1 Pré-estágio: Lactância ou Fé Indiferenciada	21
2.3.2 Estágio 1: Fé Intuitivo-Projetiva	22
2.3.3 Estágio 2: Fé Mítico-Literal	22
2.3.4 Estágio 3: Fé Sintético-Convencional	23
2.3.5 Estágio 4: Fé Individuativo-Reflexiva	25
2.3.6 Estágio 5: Fé Conjuntiva	27
2.3.7 Estágio 6: Fé Universalizante	28
3 O DESENVOLVIMENTO DA FÉ NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO CRISTÃ	30
3.1 A natureza e o propósito da Educação Cristã	30
3.2 Os métodos ativos	32
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E CARACTERIZAÇÃO DA PIBG	33
4.1 Procedimentos metodológicos e justificativa do instrumento	33
4.2 Caracterização da amostra e do campo de pesquisa	34
4.2.1 O contexto institucional: Primeira Igreja Batista em Guaianases	34
4.2.2 Perfil demográfico e geracional dos participantes	35
4.2.3 Trajetória espiritual e experiência na educação cristã	36
5 ANÁLISE DOS DADOS: O PERFIL DA FÉ DA PIBG À LUZ DE FOWLER	38
5.1 Itens 1 e 2: A base da Fé Sintético-Convencional	38
5.2 Itens 3 e 4: Emergência do "ego executivo" e da fé Individuativo-Reflexiva	40
5.2.1 Observações sobre itens psicométricos de baixa variância	41
5.3 Item 5: Lealdade institucional	41
5.4 Item 6: O custo do crescimento e a emergência da autonomia	42
5.5 Itens 7 e 8: autonomia via conversão e ressignificação da tradição	43
5.6 Síntese para a prática pedagógica	45
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	46
APÊNDICE A – Instrumento de pesquisa: questionário sobre o desenvolvimento da fé	48

INTRODUÇÃO

O presente trabalho está situado no campo da Educação Cristã, buscando compreender o modo como a fé se estrutura, amadurece e se manifesta no contexto da formação bíblica e comunitária na igreja. Partindo da teoria dos Estágios de Desenvolvimento da Fé, proposta por James W. Fowler, a pesquisa investigou o perfil de fé dos alunos adultos da Escola Bíblica da Primeira Igreja Evangélica Batista em Guaianases (PIBG).

O tema se mostra relevante porque a fé, embora pertença à dimensão espiritual, expressa-se concretamente nas atitudes, decisões e valores que orientam o indivíduo. Compreender o desenvolvimento da fé contribui não apenas para o debate teórico sobre religião e formação humana, mas também para o processo de ensino-aprendizagem na igreja, especialmente no âmbito das Escolas Bíblicas. Em contextos eclesiais, cujo ensino bíblico acontece predominantemente através do método tradicional de exposição oral, torna-se pertinente investigar se essa formação tem promovido apenas uma fé herdada e convencional ou se tem favorecido processos de autonomia reflexiva.

A escolha do tema justifica-se pela constatação de que a permanência prolongada em ambientes de ensino bíblico nem sempre resulta, por si só, em avanço nos níveis de reflexão religiosa e no amadurecimento da fé. Diante dessa lacuna, o problema de pesquisa que orienta este trabalho busca responder: em que medida a fé dos membros adultos da PIBG revela a predominância de estágios convencionais ou reflexivos, e de que modo o investimento em métodos ativos e no discipulado relacional pode mediar o amadurecimento integral do fiel?

O objetivo geral deste estudo é analisar o desenvolvimento da fé dos membros da Escola Bíblica da PIBG à luz da teoria de James W. Fowler, avaliando os desafios pedagógicos para a maturidade cristã. Para alcançar esse propósito, estabeleceram-se os seguintes objetivos específicos:

Analisar os estágios de desenvolvimento da fé propostos por James W. Fowler e sua relação com a Educação Cristã contemporânea.

Diagnosticar o perfil de fé dos membros da PIBG, utilizando a *Faith Development Scale* (FDS), proposta por Leak, Loucks, & Bowlin (1999).

Ponderar sobre a necessidade de métodos ativos e do discipulado relacional como ferramentas de mediação para o amadurecimento espiritual na vida adulta.

Quanto à delimitação, esta pesquisa restringe-se aos membros adultos da Escola Bíblica da PIBG que participaram voluntariamente da coleta de dados. O estudo foca na observação das estruturas universais do desenvolvimento da fé na amostra coletada, sem pretender uma análise sociológica exaustiva das distinções entre gerações específicas, trajetórias pessoais e condições socioeconômicas.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de campo de caráter descritivo e analítico, com abordagem quanti-qualitativa, apoiada em pesquisa bibliográfica. O diagnóstico foi realizado por meio da aplicação da escala FDS, desenvolvida por Gary Leak e colaboradores (1999), seguida do labor analítico de cruzar os dados obtidos com o referencial teórico de Fowler e teóricos da Educação Cristã.

1 O DESENVOLVIMENTO DA FÉ: DAS ESCRITURAS À JAMES W. FOWLER

Essencialmente, a fé é invisível e não pode ser mensurada como outros objetos de estudo. No entanto, ela se manifesta de forma concreta na vida cotidiana, por meio das atitudes, das escolhas e dos discursos humanos. A carta aos Hebreus afirma que a “fé é a convicção de fatos que não se veem” (Hebreus 11.1). A tradução contemporânea da Bíblia, A Mensagem (2011), descreve que a fé como o “alicerce sólido que sustenta qualquer coisa que faça a vida digna de ser vivida”. De modo complementar, Tiago declara que “a fé sem obras é morta” (Tiago 2.17). Portanto, embora a fé não seja observável em si mesma, torna-se perceptível na realidade vivida, o que possibilita a reflexão sobre o processo de sua formação e amadurecimento.

1.1 A DIMENSÃO BÍBLICA E TEOLÓGICA DO CRESCIMENTO ESPIRITUAL

O desenvolvimento da fé constitui um tema central na teologia bíblica, sendo apresentado não como evento único ou momentos pontuais e desconexos, mas como um processo contínuo de transformação espiritual. Esse desenvolvimento envolve tanto a ação de Deus quanto a resposta ativa do ser humano, evidenciando uma dinâmica relacional que integra conhecimento, prática e perseverança. Segundo Downs (2001, p. 135), não é uma ideia nova pensar no crescimento da fé, pois a Bíblia usa várias metáforas para descrevê-lo, além de estabelecer pontos importantes sobre a própria o conteúdo e a dinâmica da fé.

O crescimento da fé nas Escrituras é frequentemente ilustrado por processos de maturação natural, como a semente que cai em boa terra e produz frutos a trinta, sessenta e cem por um (cf. Mateus 13.23), ou o ramo que, ao permanecer na videira, recebe a seiva necessária para crescer e florescer (cf. João 15.5). Além das metáforas botânicas, o apóstolo Paulo descreve a fé como um corpo que deve crescer em tudo naquele que é a cabeça, Cristo,

ajustando-se e desenvolvendo-se até atingir a "medida da estatura completa" (Efésios 4.13-15). Essas figuras de linguagem reforçam que a vida espiritual não é estática, mas exige uma progressão que vai do plantio à colheita, da infância à maturidade plena.

A Bíblia estabelece que a fé tem sua origem na Palavra de Deus. Em Romanos 10:17, o apóstolo Paulo afirma que “a fé vem pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Cristo”. Esse princípio indica que o crescimento da fé está diretamente ligado à exposição constante às Escrituras. Ao mesmo tempo, no entanto, o texto bíblico não legitima uma fé meramente intelectual. Em Tiago 1:22, há uma exortação clara para que os crentes sejam praticantes da Palavra, e não apenas ouvintes, evidenciando que a maturidade espiritual exige uma resposta prática àquilo que é aprendido.

O amadurecimento da fé também está intrinsecamente relacionado às provações. Em Tiago 1:2-4, as dificuldades são apresentadas como instrumentos que produzem perseverança, conduzindo o crente à maturidade. Essa perspectiva é reforçada em 1 Pedro 1:6-7, onde a fé é comparada ao “ouro refinado pelo fogo”, indicando que as adversidades não apenas testam, mas também purificam e fortalecem a fé genuína. Dessa forma, a maturidade espiritual não ocorre apesar das dificuldades, mas por meio delas. Essa perspectiva bíblica dialoga diretamente com o conceito de Fowler, sobre as crises de transição, sugerindo que o desequilíbrio e o desafio são componentes fundamentais para o avanço nos estágios de maturidade da fé, como veremos mais detalhadamente no próximo capítulo.

Outro ponto em questão é que o crescimento da fé envolve o aprofundamento do relacionamento com Deus. Em Efésios 4:13-15, o apóstolo Paulo descreve o objetivo do desenvolvimento espiritual como a chegada à maturidade, caracterizada pela semelhança com Cristo. Esse processo ultrapassa o acúmulo de conhecimento teológico, exigindo uma vivência relacional com Deus, marcada por oração, dependência e transformação interior.

A Bíblia também apresenta a comunidade como um elemento indispensável para o amadurecimento da fé. Em Hebreus 10:24-25, os crentes são exortados a considerar uns aos outros, estimulando-se ao amor e às boas obras, enquanto Provérbios 27:17 utiliza a metáfora do ferro que afia o ferro para ilustrar o papel das relações na formação espiritual. Isso demonstra que a fé não se desenvolve de forma isolada, mas no contexto da comunhão e do discipulado mútuo. Essa perspectiva bíblica é corroborada pela teoria de John Westerhoff III, que sustenta que a fé de um indivíduo só se expande para novos estágios “se o ambiente, as experiências e as interações adequadas estiverem presentes” (WESTERHOFF, 1976 apud DYER, 2019, p. 9). Para o autor, a ausência desse suporte comunitário e relacional pode

interromper o processo de crescimento espiritual, tornando a busca por experiências interativas com outras pessoas uma condição essencial para sustentar e expandir a própria jornada de fé.

1.2 PERSPECTIVAS HISTÓRICAS: CLAIRVAUX E A PROGRESSÃO DA FÉ

Autores cristãos ao longo da história descreveram movimentos recorrentes no amadurecimento da fé. No século XII, por exemplo, Bernard de Clairvaux já descrevia essa progressão espiritual utilizando a analogia de que, assim como as estrelas diferem entre si, o espírito do iniciante, daquele que progride e do maduro também são distintos.

Clairvaux classificou os fiéis em três estados de desenvolvimento:

- Estado "Animal": Refere-se aos iniciantes que ainda não são governados pela razão, sendo conduzidos predominantemente pela autoridade e pelo ensino externo, assemelhando-se a pessoas que seguem outras sem uma visão própria.
- Estado "Racional": Compreende aqueles que fazem progresso, utilizando a razão e o discernimento do aprendizado natural para desejar o bem, embora ainda careçam da plenitude do amor.
- Estado "Espiritual": Representa a maturidade plena, na qual o indivíduo é abundantemente iluminado e conduzido diretamente pelo Espírito Santo.

Essa categorização histórica de Claraval evidencia que a compreensão da fé como um movimento progressivo, que transita da dependência de autoridades externas para uma condução espiritual interna, não é uma inovação da psicologia moderna. Pelo contrário, ela reflete uma percepção teológica antiga que ecoa o próprio apelo bíblico à maturidade e ao crescimento contínuo. Assim, ao reconhecer que o amadurecimento espiritual possui padrões que podem ser identificados ao longo do tempo, abre-se caminho para as investigações contemporâneas que buscam descrever essas mesmas transições sob a ótica do desenvolvimento humano, como proposto por James Fowler.

Embora a teoria de Fowler proponha uma progressão nos estágios da fé, essa trajetória não deve ser interpretada de forma rígida ou estritamente linear. Quando colocada em diálogo crítico com as Escrituras, essa perspectiva correlaciona-se ao testemunho bíblico, que apresenta o crescimento da fé como um processo dinâmico, relacional e não uniforme.

Também vale ressaltar que a fé, segundo Fowler, compreendida como um fenômeno universal, é intrínseco à natureza humana, uma vez que todas as pessoas, e não apenas as

consideradas "religiosas", estão engajadas em uma busca por significado que é mediada pela fé. De acordo com Downs (2011, p. 148), a distinção fundamental entre o cristão e o homem secular não se encontra no "fato da fé", mas sim no conteúdo dessa fé, que para o cristão é centralizado na pessoa e na lealdade a Jesus Cristo. Mas conforme já mencionado aqui, a fé cristã não se limita a um esforço humano de interpretação da vida, mas uma resposta à autorrevelação de Deus nas Escrituras.

Assim, mesmo que o desenvolvimento da fé possa seguir padrões sistemáticos universais, o amadurecimento cristão depende da centralidade da Palavra, pois é através dela que o fiel conhece a vontade de Deus e é capacitado para servi-lo com um coração agradecido. Enquanto a teoria de Fowler foca no "fazer fé" (faithing), a perspectiva evangélica insiste que o crescimento real não pode se separar da substância do Evangelho e da autoridade das Escrituras, que fornecem o ponto final normativo para o qual toda fé deve conduzir. (Downs, 2001. P. 146)

Portanto, se utilizada de modo crítico, essa teoria oferece à Educação Cristã subsídios valiosos para acompanhar os processos de amadurecimento, reconhecendo que a fé se expande à medida que o conhecimento bíblico se une ao ambiente propício, às experiências e interações adequadas, podendo, assim, favorecer a maturidade caracterizada pela semelhança com Cristo (cf. Colossenses 1.28).

Assim, ao compreender a fé não como uma mera aceitação intelectual, mas como esse "ato centrado da personalidade" (TILICH, 2017, p. 22), que busca uma preocupação última, abre-se caminho para as investigações de James Fowler. No próximo capítulo, analisaremos como essa dinâmica existencial se organiza em estágios específicos ao longo da vida humana.

2. O DESENVOLVIMENTO DA FÉ, SEGUNDO JAMES W. FOWLER

Este capítulo dedica-se à fundamentação teórica que sustenta a análise desta pesquisa. Nele, serão exploradas as origens e influências do pensamento de James W. Fowler, as distinções teológicas e filosóficas sobre a natureza da fé e, por fim, a descrição técnica dos seis estágios que compõem o desenvolvimento da fé humana.

2.1 GÊNESE E INFLUÊNCIAS TEOLÓGICAS DA TEORIA DE FOWLER

James W. Fowler (1940-2015) é considerado o pesquisador original na Psicologia da Religião, e sua teoria é a abordagem dominante acerca do desenvolvimento da fé. Formado em Harvard, Fowler lecionou no Boston College e na própria Universidade de Harvard antes de

assumir a posição de diretor do Centro de Pesquisa do Desenvolvimento da Fé e da Moral na Universidade Emory. (DOWNS, 2001)

A gênese de sua teoria remonta ao período em que esteve em Harvard, onde foi introduzido à pesquisa do desenvolvimento de Lawrence Kohlberg, que se tornou seu colega. Naquela época, Fowler buscava compreender os aspectos psicológicos de como as pessoas atribuem significados às suas vidas, e Kohlberg apresentou-lhe a possibilidade de aplicar a lógica dos estágios ao desenvolvimento humano. Foi a partir desse diálogo que Fowler definiu o termo "fé" para descrever o aspecto específico da experiência humana que estava investigando.

Segundo Downs, teologicamente, Fowler descreve a si mesmo como um "protestante liberal clássico". Sua construção teórica é profundamente influenciada pelas teologias de Paul Tillich e H. Richard Niebuhr, bem como pelas categorias epistemológicas a priori de Immanuel Kant. Dessa forma, James W. Fowler desenvolveu uma compreensão da fé que reúne diferentes questões existenciais e filosóficas, procurando entender como a maneira de dar sentido à vida se transforma ao longo das diferentes fases da existência humana. Conforme aponta Downs (2001, p. 139), essa base teórica permite que a teoria fowleriana ofereça uma explicação detalhada sobre as mudanças na maneira como o indivíduo percebe e se relaciona com o sagrado ao longo da vida. Para ele, unir os padrões de desenvolvimento da fé, proposto por Fowler, à obra de Deus é possivelmente compatível, já que "se é verdade que Deus nos criou para que nos desenvolvêssemos de acordo com padrões previsíveis, não poderia ser verdade que a fé também esteja sujeita ao desenvolvimento?". Vale a reflexão.

2.2 A NATUREZA DA FÉ: ENTRE A ESTRUTURA E O CONTEÚDO

Na perspectiva de Fowler (1992), a fé é compreendida como uma necessidade inerente à condição humana, na qual o indivíduo é descrito como um *homo poeta*, um ser que exige sentido e necessita de propósitos para organizar sua percepção do "quadro completo" da existência. Fundamentado no pensamento de Paul Tillich, Fowler define a fé não como mera adesão a um credo, mas como um estado de ser tocado incondicionalmente por uma "preocupação última" que centraliza os valores e lealdades do indivíduo, moldando profundamente sua existência. Conforme resume o autor:

"A fé, assim entendida, é um negócio muito sério. Ela tem a ver com o jeito pelo qual fazemos as apostas de nossa vida. Ela modela as formas em que investimos nossos amores mais profundos e nossas lealdades mais caras". (FOWLER, 1992, p. 16)

Para Tillich (2017, p. 21), essa dinâmica constitui a própria essência do que significa ter fé, exigindo um nível de entrega que transcende a aceitação intelectual de dogmas e se manifesta como uma força que reivindica "ultimidade". Quando algo é estabelecido como preocupação última, todas as outras esferas da vida — como economia, saúde e justiça — são subordinadas a essa reivindicação central, tornando a fé o eixo gravitacional em torno do qual toda a existência humana se organiza. Essa construção de sentido toma forma inicialmente nos primeiros relacionamentos de confiança na infância, buscando um "centro de valor e poder" que confira unidade à trajetória existencial e fundamente a proposta de Fowler acerca dos estágios de desenvolvimento que serão analisados neste trabalho.

Reconhecer a fé a partir das ações concretas, portanto, fundamenta a proposta de Fowler acerca dos estágios de desenvolvimento da fé. Para o autor, a fé pode ser compreendida a partir das formas pelas quais os indivíduos interpretam a realidade, articulam significados e se relacionam com o transcendente, consigo mesmos e com os outros (FOWLER, 1992, p. 16).

Vale lembrar que, diferentemente do modelo psicológico, a Bíblia fundamenta esse desenvolvimento da fé na ação da graça, na centralidade da Palavra e na conformidade a Cristo, estabelecendo critérios normativos para a maturidade espiritual. O presente trabalho, portanto, adota como pressuposto teológico a centralidade de Jesus Cristo como fundamento, autor e consumidor da fé, concentrando os esforços de pesquisa no desenvolvimento da fé cristã. Como cita Downs, "é importante entender que ter fé não é o mesmo que colocar nossa fé em Cristo" (2011). Embora Fowler compreenda a fé como uma estrutura universal da experiência humana, passível de desenvolvimento mesmo fora de um vínculo religioso ou confessional, este trabalho tem como base o entendimento de que a fé em Jesus Cristo vem como resposta à revelação de Deus, uma vez que, conforme o testemunho bíblico, não há acesso legítimo a Deus fora de Cristo (cf. João 14.6; Atos 4.12).

O entendimento da fé como pontua Downs, acima está alinhado com o pilar da cosmovisão bíblica e do propósito da revelação, conforme apresentado no Plano Diretor de Educação Cristã da Convenção Batista Brasileira, segundo o qual a formação da fé ocorre a partir da revelação nas Escrituras e da interpretação da realidade à luz da narrativa bíblica sobre a criação, a queda, a redenção e a consumação. Desse modo, embora a teoria do desenvolvimento da fé tente descrever as estruturas da fé, e não propriamente o conteúdo, o escopo desta pesquisa é compreendido como processo formativo que se dá dentro de uma cosmovisão cristã. Por essa razão, excluem-se do campo de análise abordagens que tratam a

fé apenas como estrutura universal de sentido ou experiência humana desvinculada da revelação bíblica.

Por fim, é importante lembrar que a Escritura reafirma que a fé não se restringe ao campo intelectual, mas constitui princípio estruturante da vida e do agir humano. Ao afirmar que “o justo viverá pela fé” (Romanos 1.17) e que os cristãos “andam por fé” (2 Coríntios 5.7), a Bíblia apresenta a fé como orientação existencial que molda escolhas e comportamentos. Nesse ponto específico, há convergência com Fowler ao compreender a fé como uma orientação fundamental da vida. Contudo, este trabalho mantém a distinção teológica de que, à luz da revelação bíblica, essa fé vivida encontra sua origem, referência e finalidade em Deus revelado em Jesus Cristo, e não apenas na estrutura antropológica da experiência humana.

2.3 OS ESTÁGIOS DO DESENVOLVIMENTO DA FÉ

Segundo Fowler, a partir da compreensão da fé como realidade vivida, estruturante da existência e perceptível por meio de suas expressões concretas, torna-se possível abordar sua proposta acerca do desenvolvimento da fé em estágios. Partindo do pressuposto de que a fé é manifestada na maneira pela qual os indivíduos atribuem sentido à realidade, organizam valores e se relacionam com o transcendente, Fowler propõe um modelo descritivo que busca compreender como essas estruturas de sentido se transformam ao longo da vida. Neste capítulo, apresenta-se a teoria dos estágios do desenvolvimento da fé conforme sistematizada pelo autor, com o objetivo de expor suas principais características.

Ainda que o foco desta pesquisa recaia sobre os estágios 3 a 6, considerados por Fowler como predominantes na vida adulta, optou-se por apresentar a totalidade dos seis estágios propostos pelo autor. Essa decisão justifica-se pelo caráter estrutural e progressivo da teoria, uma vez que cada estágio se desenvolve em continuidade com os anteriores, não podendo ser plenamente compreendido de forma isolada. A descrição integral do modelo permite evitar leituras fragmentadas ou reducionistas da proposta fowleriana e assegura maior rigor teórico à análise desenvolvida nos capítulos seguintes. Além disso, a compreensão das fases iniciais possibilita identificar permanências, regressões ou traços remanescentes que podem coexistir na experiência religiosa adulta, contribuindo para uma interpretação mais consistente do fenômeno investigado.

2.3.1. Pré-estágio: Lactância ou Fé Indiferenciada

O pré-estágio do desenvolvimento da fé, denominado por James W. Fowler como Fé Indiferenciada, corresponde ao período da primeira infância, que vai do nascimento aos dois anos. Nesta fase, “as sementes da confiança, coragem, esperança e amor fundem-se de uma

forma indiferenciada” e competem “com ameaças de abandono sentidas pelo bebê, inconsistências e privações no ambiente”. (1992, p. 106)

Downs (2001, p. 141) explica que neste estágio existe a predisposição do bebê, ainda que não se dê conta cognitivamente disto, de desenvolver a confiança baseado em seu relacionamento com os pais e na forma como lida com a ansiedade resultante das separações que normalmente ocorrem durante o desenvolvimento infantil neste período.

Fowler acredita que as primeiras “pré-imagens” de Deus se originam nesta fase. Segundo ele, o perigo desta ausência de oportunidades para confiar em quem precisa demonstrar seu carinho e cuidado pode causar “um narcisismo excessivo, no qual a experiência de ser ‘central’ continua a dominar e distorcer a mutualidade”, ou criar nos bebês um padrão de isolamento e mutualidade falha.

Embora o teórico reconheça que esse pré-estágio seja, em grande medida, inacessível à investigação empírica direta, ele enfatiza sua relevância estrutural para todo o processo posterior de amadurecimento da fé. As disposições afetivas formadas nesse período não desaparecem, mas permanecem subjacentes às formas mais complexas de fé que emergirão nos estágios seguintes, podendo fortalecê-las ou fragilizá-las conforme a qualidade das experiências iniciais vividas pela criança.

Segundo o autor, a transição ao estágio 1 começa com a convergência do pensamento e da linguagem, o que abre caminho para o uso de símbolos na fala e nos jogos rituais.

2.3.2 Estágio 1: Fé Intuitivo-Projetiva

A Fé Intuitivo-Projetiva, manifesta-se aproximadamente entre dois e sete anos de idade. Nesse período a criança começa a usar novas ferramentas no desenvolvimento da oralidade e de representação simbólica para organizar suas experiências sensoriais, permitindo que esta tenha sentido para ela.

Neste estágio em que a imaginação é bastante vivenciada com intensidade, a criança é fortemente influenciada pelas imagens, histórias e pelos símbolos, sem ser controlada pelo pensamento lógico. Nesse contexto, Downs (2001, p. 141) ressalta que “as percepções e os sentimentos são poderosos professores a respeito daquelas partes da vida que são tanto protetoras quanto ameaçadoras. As imagens da fé são moldadas pelos adultos importantes no mundo das jovens crianças”.

Nesse sentido, Fowler enfatiza que estas imagens, histórias e símbolos conhecidos e vivenciados pela criança nesse estágio possuem forte poder estruturante no desenvolvimento de sua fé, e que este conhecimento não é regulado por mecanismos críticos capazes de avaliá-lo ou integrá-lo de forma reflexiva. Por essa razão, a Fé Intuitivo-Projetiva não deve ser compreendida como deficiência ou imaturidade religiosa, mas como um estágio necessário do desenvolvimento da fé, no qual a imaginação desempenha papel central na construção inicial de sentido (FOWLER, 1992).

A transição para o estágio seguinte ocorre gradualmente, à medida que a criança desenvolve maior capacidade de distinção entre fantasia e realidade, ampliando seu pensamento lógico e buscando maior estabilidade narrativa e moral. Ainda assim, os conteúdos simbólicos formados na Fé Intuitivo-Projetiva continuam a exercer influência sobre os estágios posteriores, podendo ser reinterpretados ou ressignificados conforme novas estruturas cognitivas e experiências emergem ao longo do desenvolvimento da fé.

2.3.3 Estágio 2: Fé Mítico-Literal

O Estágio 2 do desenvolvimento da fé, denominado por James W. Fowler como Fé Mítico-Literal, manifesta-se tipicamente na infância intermediária, aproximadamente entre sete e doze anos de idade, estando associado ao desenvolvimento do pensamento operacional concreto. Segundo Downs (2001, p. 141), é “mítico no sentido de que pode agora capturar o significado das histórias, mas literal no sentido em que é geral limitada ao pensamento concreto”.

Nesse estágio, a criança passa a organizar sua compreensão da realidade de modo mais estável, lógico e sequencial, demonstrando maior capacidade de distinguir entre fantasia e realidade, ainda que sua interpretação dos conteúdos simbólicos permaneça predominantemente literal (FOWLER, 1992, p. 118). Esta fase se apresenta como uma autoconsciência limitada. Como resultado, é difícil para a criança tomar a perspectiva de outra pessoa. E por isto, ela tende a entender Deus em termos de “reciprocidade moral, tendo uma ideia precisa sobre quem deve ser perdoado e quem deve ser punido”, ignorando ou negando vários momentos de suas próprias experiências.

Essa fase também é caracterizada por uma interpretação da fé cristã em termos estritamente literais. Como exemplo, a pessoa pode acreditar que o céu é uma residência física com ruas pavimentadas de ouro, baseando-se em uma leitura literal de textos como João 14.2 e Apocalipse 21.21. Segundo Downs, “neste estágio, a criança é incapaz de ver realidades

espirituais sem uma ideia literal é, portanto, limitada no modo como pensa sobre a verdade bíblica e como responde a ela".

Logo, uma das tarefas fundamentais desse estágio de fé é aprender a separar a realidade do "faz-de-conta". Compreender essas características é essencial para o educador cristão, pois muitos traços desse literalismo e da moral de reciprocidade podem persistir em adultos, dificultando a transição para estágios de fé mais reflexivos e sistêmicos.

Downs chama a atenção para alguns grupos que, desejando fazer uma interpretação literal da Escritura, acabam se tornando "rigidamente literais" no seu modo de pensar que os ensinamentos mais profundos da Escritura acabam escapando de suas lentes, tornando este estágio da fé "inapropriada para o adulto", já que o literalismo deve ser uma "parada para o caminho, não um destino" (DOWNS, 2011, p. 142).

2.3.4 Estágio 3: Fé Sintético-Convencional

James W. Fowler (1992) descreve uma reorganização significativa da fé que ocorre, tipicamente, durante a adolescência, podendo estender-se à vida adulta. Nesse período, o indivíduo passa a integrar elementos emocionais, cognitivos e relacionais em uma estrutura de sentido mais ampla.

Segundo Downs, esse estágio surge quando o indivíduo começa a se enxergar em relação direta com o próximo. O autor denomina "sintético" porque as crenças e os valores dos estágios anteriores são reunidos num certo tipo de perspectiva coerente para o indivíduo, fazendo sentido para ele, mas também é convencional porque ele adota os sistemas de crenças de uma comunidade maior (DOWNS, 2001, p. 142). Portanto, nesse estágio, a fé é profundamente moldada pelo ambiente eclesial. Para o fiel sintético-convencional, a igreja deixa de ser apenas uma instituição para se tornar um refúgio identitário. Conforme explica Downs:

As pessoas do estágio três tendem a ser altamente comprometidas com a igreja, e para elas a igreja se torna uma família ampliada idealizada. Suas atividades sociais e políticas, assim como as religiosas e educacionais, são mais freqüentemente enraizadas no contexto da igreja. Por causa de sua extrema identificação com a igreja, conflitos e controvérsias dentro do corpo tendem a ser altamente ameaçadores para elas (DOWNS, 2001, p. 142).

Essa identificação extrema do indivíduo com seu grupo acaba refletindo na visão que ele tem de Deus, que começa a ser visto como "amigo pessoal muito próximo", como uma

extensão dos relacionamentos interpessoais. (DOWNS, 2001, p. 142). Assim, essa visão de Deus é tão íntima que o indivíduo acredita que o Criador está interessado em seus mínimos interesses cotidianos, como encontrar uma vaga de estacionamento, baseando-se na premissa de que ele ama profundamente tanto o indivíduo quanto o grupo com o qual ele se identifica (DOWNS, 2001, p. 143).

Entretanto, Fowler (1992) e Downs (2001) concordam que esse estágio apresenta limites estruturais e pedagógicos importantes. A autoridade encontra-se majoritariamente externalizada e o fiel torna-se dependente de figuras de destaque, como pastores e líderes de jovens. Downs (2001, p. 143) alerta para uma carência da "perspectiva de uma terceira pessoa", o que impede o indivíduo de ver a si mesmo ou ao seu grupo de forma externa e crítica.

Essa limitação resulta em uma vulnerabilidade psicossocial que Downs (2001, p. 143) define como a "tirania do eles", permitindo que o controle externo se sobreponha à convicção pessoal. Sobre a manutenção desse estágio na vida adulta, o autor destaca o papel da instituição:

Pode haver um grande conforto na fé convencional/sintética porque há um senso de comunidade e um senso de pertencer que está muito em falta na sociedade contemporânea. Também, as categorias tendem a ser seguras, com claros delineamentos sendo feitos entre a verdade e o erro e "os mocinhos" (nós) e "os vilões" (eles). Uma teologia eclesial que enfatiza a comunidade e os relacionamentos e fortes líderes pode criar e segurar as pessoas no estágio três da fé (DOWNS, 2001, p. 143, grifo nosso).

Embora proporcione estabilidade e pertencimento, a forte dependência da autoridade externa e a sensibilidade à rejeição social podem dificultar a crítica consciente das crenças (FOWLER, 1992). Portanto, para que o amadurecimento ocorra, é necessário o surgimento de crises ou tensões que impulsionem o indivíduo em direção ao estágio 4, onde a fé deixará de ser apenas herdada e convencional para ser plenamente assumida e reflexiva.

2.3.5 Estágio 4: Fé Individuativo-Reflexiva

Este estágio é caracterizado pelo surgimento de uma postura crítica e reflexiva diante das crenças, valores e compromissos anteriormente assumidos, marcando uma transição significativa em relação à fé sintético-convencional. Para Downs (2001), este estágio é marcado por um desenvolvimento duplo, envolvendo tanto o amadurecimento do ego quanto o do pensamento religioso, resultando em uma experiência de individualidade que se levanta em contraste direto com a comunidade de pertença típica do estágio anterior.

Nesse processo, a pessoa passa a assumir responsabilidade consciente por sua própria visão de mundo, deslocando-se gradualmente da dependência de autoridades externas, como líderes e pastores, para uma apropriação mais autônoma de suas convicções. Um conceito central trazido por Downs para explicar essa mudança é o da "auto-autorização", que emerge quando o indivíduo percebe a possibilidade de fazer escolhas baseadas exclusivamente em seu ego, sem se submeter aos ditames e expectativas do grupo. A partir disso, torna-se possível para o fiel assumir a "perspectiva de uma terceira pessoa", conseguindo observar tanto a si mesmo quanto a sua comunidade de fé em relação à sociedade como um todo.

Sobre essa nova posição do sujeito frente ao grupo, Downs (2001) descreve:

O ego é agora separado do grupo, e o indivíduo fica suspenso sobre o grupo perguntando por que o grupo crê e age como o faz. O ávido "encaixar-se" do estágio três é substituído com um criticismo consciente (não necessariamente negativo) do estágio quatro. É individualizado no sentido em que a pessoa agora estabelece sua própria identidade (individualidade), e reflexivo em que é marcado por um pensamento consciente sobre (reflexão sobre) as posições e práticas do grupo (DOWNS, 2001, p. 144).

A emergência desse estágio costuma ocorrer no início da fase adulta, embora possa manifestar-se também em momentos posteriores, especialmente quando eventos críticos provocam questionamentos profundos sobre identidade e pertença (FOWLER, 1992). O indivíduo diferencia-se dos sistemas de valores herdados, exercitando o distanciamento necessário para examinar crenças antes aceitas de forma implícita. As crenças deixam de ser apenas reproduzidas e passam a ser analisadas, reorganizadas e reformuladas à luz da razão e da experiência pessoal (FOWLER, 1992).

Contudo, Downs (2001) ressalta que essa transição é frequentemente marcada por um profundo sentimento de culpa e perda, pois o conforto e a segurança do estágio anterior ficaram para trás. A comunidade de fé que antes nutria o indivíduo passa a ser objeto de sua separação e crítica. Esse movimento pode ser especialmente doloroso em comunidades que não toleram mudanças de perspectiva, o que gera isolamento e conflitos relacionais. O próprio Downs exemplifica essa tensão ao relatar sua saída de um fundamentalismo rígido, onde o questionamento de normas periféricas da comunidade foi interpretado pelos seus pares não como crescimento, mas como "ficar liberal" ou perder a fé.

Outro aspecto relevante desta fase é o desenvolvimento da capacidade de pensamento sistemático. A pessoa organiza suas convicções em estruturas coerentes, buscando integrar fé e valores em um sistema consistente (FOWLER, 1992). Entretanto, Downs (2001) adverte para

as limitações desse estágio, como uma possível superconfiança na própria perspectiva e uma certa arrogância que pode levar à intolerância contra qualquer julgamento externo. Nesses casos, a igreja pode tornar-se puramente pragmática, existindo apenas para servir às necessidades do indivíduo, e o desejo de "demitologizar" rituais religiosos pode indicar uma falha em submeter-se à autoridade de Deus e do Evangelho.

Assim, a fé individuativo-reflexiva representa um estágio de aprofundamento crítico e de responsabilização pessoal pelas próprias crenças. Trata-se de um momento em que a pessoa assume conscientemente sua fé como escolha refletida, estabelecendo sua própria identidade e individualidade através de um pensamento consciente sobre as posições e práticas de sua comunidade (FOWLER, 1992; DOWNS, 2001)

2.3.6 Estágio 5: Fé Conjuntiva

No quinto estágio do desenvolvimento da fé, o indivíduo atinge um nível de maturação que lhe permite reconhecer e integrar as complexidades e os paradoxos da existência. Para Downs (2001), esta fase é marcada por uma profunda autoconsciência, na qual o sujeito passa a compreender melhor a relatividade de sua própria perspectiva e a ter uma percepção mais ampla da grandiosidade de Deus.

Diferentemente do estágio anterior, marcado por uma busca de coerência lógica e, por vezes, por uma rigidez sistêmica, a fé conjuntiva caracteriza-se por uma diminuição da autoconfiança excessiva do estágio quatro. Conforme explica Downs:

Com uma fé conjuntiva a pessoa pode tornar-se ciente das limitações do eu e estar menos certa a respeito dos julgamentos e das avaliações feitos no estágio quatro. Há uma profunda autoconsciência pela qual entende-se melhor a relatividade de sua perspectiva e se tem uma maior ciência da grandiosidade de Deus (DOWNS, 2001, p. 145).

A fé madura entende que Deus não cabe em definições simples, consegue aceitar duas coisas opostas como verdadeiras ao mesmo tempo, entendendo a ideia de que Deus é amor e justo, por exemplo. Neste estágio, a fé é percebida com diferentes nuances, reconhecendo a complexidade da experiência espiritual dos outros. O fiel consegue compreender que Deus age dentro do mundo, na história, no próximo, no "aqui e agora", mas também consegue conceber a ideia que ele é soberano e está acima da compreensão humana.

Se no estágio anterior, o indivíduo vê Deus como seu amigo e amigo de seu grupo ou comunidade, nesta fase consegue compreender que ele é amigo e Senhor de todas as

peessoas, agindo soberanamente para além das fronteiras de sua própria tradição ou comunidade de origem. A verdade deixa de ser vista como algo unidimensional e torna-se multidimensional, o que favorece a compreensão de outras formas de enxergar o mundo e de conviver com pessoas diferentes, valorizando, inclusive, estas trocas de experiências e vivências. (Downs, 2001, p. 145)

Essa abertura para o "outro" não significa relativismo, mas uma grande tolerância para com as perspectivas externas. De acordo com Downs (2001), aqueles que atingem a fé conjuntiva desenvolvem uma sensibilidade crítica que os protege de absolutizar suas próprias convicções. Sobre este ponto, o autor destaca um alerta fundamental:

Aqueles que atingem uma fé conjuntiva se tornam cada vez mais cientes das possibilidades de idolatria mesmo dentro de suas próprias afirmações doutrinárias, assim eles são marcados por uma grande tolerância para com as perspectivas externas (DOWNS, 2001, p. 145).

Este estágio é fruto de um "trabalho árduo de viver de modo ponderado através dos estágios anteriores". Ele introduz um novo senso de humildade, que permite ao indivíduo buscar diálogos cooperativos com grupos fora de sua própria comunidade. Quando essa maturidade é combinada com conceitos bíblicos sólidos, o fiel torna-se capaz de enxergar as múltiplas facetas da verdade divina e reconhecer as limitações inerentes a qualquer perspectiva humana.

Em suma, o Estágio 5 representa a capacidade de conviver com o mistério e com as tensões não resolvidas, sem a necessidade de respostas simplistas. Trata-se de uma fé que, ao reconhecer a própria finitude, abre-se para uma compreensão mais inclusiva e profunda da revelação de Deus

2.3.7 Estágio 6: Fé Universalizante

Segundo James W. Fowler (1992), este estágio representa a forma mais rara e extrema do desenvolvimento da fé. Diferentemente dos estágios anteriores, ele não é apresentado como normativo ou esperado para a maioria das pessoas, mas como uma possibilidade excepcional, vivida por indivíduos cuja fé se orienta por imperativos universais de amor, justiça e reconciliação. Fowler enfatiza que esse estágio não constitui um ideal pedagógico a ser alcançado deliberadamente, mas emerge em contextos históricos específicos e, muitas vezes, em meio a intenso sofrimento pessoal e social (FOWLER, 1992).

Nesse estágio, a fé deixa de estar centrada na autopreservação, na coerência interna do sistema de crenças ou na lealdade a um grupo específico, passando a ser vivida como um compromisso radical com a dignidade humana e com a transformação da realidade. A pessoa demonstra disposição concreta para “gastar a própria vida” em favor dos outros, especialmente daqueles que se encontram em situações de marginalização e opressão. Trata-se de uma fé que transcende fronteiras religiosas, culturais e ideológicas, sem negar a tradição de origem, mas relativizando-a diante do valor absoluto da vida humana (FOWLER, 1992).

Aprofundando essa perspectiva de entrega absoluta, Downs (2001) destaca que este nível de maturação exige uma descentralização radical do eu, o que viabiliza uma nova e profunda qualidade de participação com o Criador. Nesse estágio, o indivíduo experimenta uma liberdade inédita, onde os interesses pessoais são plenamente identificados com uma "razão de viver" superior. De acordo com Downs:

Todos os assuntos de paradoxo e polaridades são colocados de lado por causa de uma nova identificação com a obra de Deus e seu reino. [...] Há uma nova expectativa de vida focalizada nos assuntos da justiça e do amor, com as divisões e a opressão colocadas de lado. Há "uma encarnação ativista disciplinada" tornando reais e tangíveis os imperativos do amor e da justiça absolutos, dos quais o estágio cinco tem considerações parciais (DOWNS, 2001, p. 146).

Neste estágio, o indivíduo vive uma fé tão profunda que passa a se enxergar como alguém chamado a participar da transformação do mundo, não apenas no que é visível, mas também à luz de uma realidade maior, transcendente (DOWNS, 2001). A pessoa entende que ninguém vive isolado, e, por isso, deixa de tratar sistemas sociais, políticos ou até religiosos como absolutos ou intocáveis.

Essa fé mais ampla faz com que suas escolhas não sejam guiadas apenas pelo que é socialmente aceito, mas por princípios éticos e espirituais mais elevados. E aqui está o ponto crítico: isso frequentemente gera conflito com instituições e padrões estabelecidos. Não porque a pessoa queira ser rebelde, mas porque sua consciência já não consegue se limitar ao que é simplesmente “norma”. Por isso, não é incomum que quem vive nesse estágio enfrente rejeição, incompreensão ou até perseguição (FOWLER, 1992).

Ao relacionar o estágio 6 à tradição judaico-cristã, Fowler aponta sua afinidade com a imagem bíblica do Reino de Deus, entendido como uma realidade que interpela o presente a partir de um horizonte de justiça, reconciliação e restauração. Essa aproximação não transforma o estágio 6 em uma formulação teológica sistemática, mas evidencia que a fé

universalizante encontra ressonância na esperança cristã de uma realidade transformada, orientada pelo amor radical ao próximo. Em síntese, o estágio 6 pode ser compreendido como uma expressão-limite da maturidade da fé, na qual a experiência religiosa se traduz em um compromisso concreto e inegociável com a transformação da vida humana e da realidade histórica (FOWLER, 1992; DOWNS, 2001).

3 O DESENVOLVIMENTO DA FÉ NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO CRISTÃ

Neste capítulo, o referencial teórico dos estágios de desenvolvimento da fé é articulado com os pressupostos da Educação Cristã contemporânea. O objetivo é analisar como o processo de ensino-aprendizagem na igreja pode atuar como mediador para o amadurecimento espiritual, discutindo a natureza da formação cristã e a relevância das metodologias ativas para a vida adulta.

3.1 A NATUREZA E O PROPÓSITO DA EDUCAÇÃO CRISTÃ

Se a fé vem pelo ouvir a Palavra de Deus, conforme descreve o apóstolo Paulo em Romanos 10.17, e considerando que ela possui uma natureza dinâmica passível de crescimento e amadurecimento, é importante que a Educação Cristã acompanhe o indivíduo por toda a sua vida. A fins de esclarecimento, entende-se por Educação Cristã, neste trabalho, a definição de Durães e Ramiro (2018), que diz:

“A Educação Cristã, manifesta em espaços educacionais múltiplos, é o processo de formação integral da pessoa humana, cuja vida deve ser moldada pela Palavra de Deus, produzindo virtudes pessoais que devem ser partilhadas com a família, a comunidade de fé e o mundo”.

Esse processo de formação integral visa moldar a vida do indivíduo através das Escrituras, resultando na produção de virtudes pessoais. O objetivo da Educação Cristã não se encerra no indivíduo, portanto, visto que virtudes devem transbordar para a esfera pública, sendo partilhadas com a família, a comunidade de fé e, fundamentalmente, com o mundo. (cf. Mateus 28.19,20). Assim, a Educação Cristã tem o potencial de integrar a fé à realidade existencial e social, o que exige um avanço contínuo pelos estágios de maturidade.

Nesse sentido, pode-se estabelecer um paralelo direto entre a maturidade cristã, o processo de tornar-se semelhante a Cristo, e a busca pelos estágios mais elevados da fé. Se a semelhança com Cristo exige uma fé que transborda em virtudes e lida com as complexidades do mundo, o amadurecimento pleno sugerido pela Educação Cristã aponta para o que Fowler denomina como Fé Conjuntiva (Estágio 5).

Esta fase representa o ápice da "dinâmica relacional" fundamentada por Westerhoff III (1976 apud INGBRITSON, 1989, p. 11), na qual a fé deixa de ser compreendida apenas como um conjunto de conceitos para se manifestar como uma expressão de sentido revelada no estilo de vida de uma pessoa. Nesse nível de maturidade, a espiritualidade torna-se humanamente perceptível não por discursos teóricos, mas por meio daqueles que "vivem e agem na comunidade" (1976, p. 11), evidenciando uma fé que funciona como um "verbo" praticado em relacionamentos dentro de uma comunidade "totalmente inclusiva e transgeracional" (WESTERHOFF III, 1976 apud INGBRITSON, 1989, p. 21). Uma fé neste estágio permite que o cristão dialogue com a sociedade pluralista sem medo, exercendo suas virtudes de forma dialógica e transformadora (DOWNS, 2001, p. 145), concretizando a transição do perfil de "membro consumidor" para o de "discípulo multiplicador" (FERREIRA, 2015, p. 16).

James Fowler identifica que muitos adultos permanecem estagnados no Estágio 3 (Fé Sintético-Convencional), onde a identidade é buscada no refúgio de uma comunidade e em um sistema de crenças inquestionáveis. De acordo com Downs (2001, p. 143), há um "grande conforto" nessa fase, pois ela oferece categorias seguras entre o certo e o errado, criando uma barreira protetora de "nós contra eles". Tendo em vista o contexto das Escolas Bíblicas, é possível perceber a dificuldade em avançar pelos estágios mais avançados da fé, conforme aponta Durães e Ramiro:

Tradicionalmente, o ensino para adultos nas igrejas tem se caracterizado por investir fortemente no conhecimento bíblico como sendo este suficiente e único para se formar cristãos maduros. Por isso se aplicam a transmitir o conteúdo de maneira intensa através de programas educacionais sistemáticos, como a escola Bíblica, por exemplo. (2024, p. 179)

Muitos educadores são resistentes às metodologias de ensino que estimulam a reflexão e o pensamento crítico, pois para estes, "a verdade do Evangelho é absoluta, e, portanto, não passível de reformulação ou de novas construções de pensamento" (DURÃES E RAMIRO, 2024, p. 177). Por conta desta resistência, muitas aulas ministradas são baseadas na escolha do assunto e na apresentação da aula, sem promover uma "experiência de aprendizagem construtiva, criativa, diversificada, cheia de ação".

A aprendizagem, nestes casos, é avaliada pelo comportamento e pela memorização, mas não são raros os casos em que o próprio aluno tem a sensação de ter assistido uma boa aula, por ter ouvido cerca de uma hora de conteúdo, no entanto, ao ser questionado sobre o que aprendeu, costuma não conseguir explicar, exceto, reproduzindo o que o professor falou. Assim como crianças e adolescentes, que costumam desenvolver um bom repertório de histórias bíblicas, sem, no entanto, relacioná-las com o cotidiano, os adultos passam a conhecer

muitos livros da Bíblia, explicando em detalhes fatos bíblicos, sem refletir sobre as implicações do conteúdo em suas vidas.

3.2 OS MÉTODOS ATIVOS

Os modelos tradicionais de ensino, que tratam a formação como um depósito de verdades sem que haja uma ponte entre verdade e prática ainda é a realidade em escolas e nas igrejas. Mudar este paradigma torna-se um grande desafio, uma vez que grande parte dos professores nas redes de ensino e nas Escolas Bíblicas foram formados nesta estrutura rígida e definida. (FERREIRA, 2015, p. 59, 62).

É reconhecido que a educação contemporânea atravessa transformações profundas neste início de século XXI, em que conceitos e teorias consolidadas cedem espaço a novas formas de pensar e agir que visam aproximar o ensino da realidade e dos interesses do sujeito moderno. Nesse cenário, a UNESCO estabelece quatro pilares fundamentais para a educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser (DELORS, 2004, p. 31). Estes pilares servem como princípios norteadores para uma educação transformadora, cujo eixo central é a transição de um modelo em que o aluno é mero receptor de informações para um em que ele se torna o protagonista e sujeito da construção de seu próprio conhecimento.

A adoção de metodologias ativas com foco no desenvolvimento de habilidades e no protagonismo do educando torna-se, portanto, a ferramenta necessária para atender à necessidade de maturação de fé no indivíduo.

As metodologias ativas podem ser compreendidas como um conjunto de estratégias pedagógicas que buscam deslocar o estudante para o centro do processo de ensino e aprendizagem, promovendo uma participação mais crítica, reflexiva e autônoma na construção do conhecimento. Nessa perspectiva, o estudante deixa de ocupar uma posição passiva diante do conteúdo e passa a atuar como protagonista do próprio aprendizado, enquanto o professor assume o papel de mediador e facilitador das ações educativas. Além disso, as metodologias ativas valorizam a problematização da realidade, a integração entre teoria e prática, o trabalho colaborativo e o desenvolvimento de competências relacionadas à reflexão, à autonomia e à intervenção na realidade social (CUNHA et al., 2024, p. 11).

Nessa perspectiva, o estudante deixa de ocupar uma posição passiva e passa a atuar como protagonista, enquanto o professor assume o papel de facilitador e mediador das ações educativas (FERREIRA, 2015, p. 115). Tais metodologias valorizam a problematização da realidade e a integração entre teoria e prática, elementos fundamentais para que a formação

seja "integral" e capaz de produzir virtudes para serem compartilhadas com o mundo (DURÃES; RAMIRO, 2018, p. 4).

A transição entre os estágios de fé na vida adulta, portanto, não ocorre por mero acúmulo de informações, mas por meio de uma mudança qualitativa nas estruturas de sentido e na localização da autoridade (FOWLER, 1992 apud DOWNS, 2001, p. 150), o que poderá ser alcançado por meio da reflexão e das vivências proporcionadas pelas metodologias ativas.

A urgência desse avanço é evidenciada pelos dados coletados na PIBG, que revelaram que a totalidade dos respondentes ainda está fundamentada na estrutura de Fé Sintética-Convencional (Estágio 3), demonstrando um perfil de lealdade integral, mas dependente da estrutura institucional.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS E DIAGNÓSTICO DA PIBG

Após a fundamentação teórica acerca dos estágios de desenvolvimento da fé propostos por James Fowler no contexto da Educação Cristã, em especial das Escolas Bíblicas, percebendo a necessidade de metodologias ativas para o processo de maturação na fé, este capítulo dedica-se à apresentação e análise dos dados coletados na Primeira Igreja Evangélica Batista em Guaianases. O objetivo central da pesquisa de campo foi diagnosticar os estágios de fé predominantes entre os alunos da Escola Bíblica, buscando identificar se o processo de ensino-aprendizagem expositivo tem favorecido a transição de uma fé convencional para uma fé mais reflexiva e autônoma.

4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E JUSTIFICATIVA DO INSTRUMENTO

Para a coleta de dados, utilizou-se a *Faith Development Scale* (FDS), desenvolvida por Leak, Loucks e Bowlin (1999) e validada por Leak (2008). A escolha deste instrumento justifica-se por ser uma medida objetiva e psicometricamente sólida, derivada explicitamente da teoria de James Fowler. Diferente das entrevistas tradicionais, que são extensas e de difícil aplicação em larga escala, a FDS permite identificar de forma ágil o estilo de fé dos participantes. Além disso, a escala é sensível à detecção de traços como a autonomia e a autodeterminação, fundamentais para avaliar a transição do estágio 3 para o 4.

A estrutura do instrumento consiste em oito itens de escolha forçada. Em cada um, o participante deve optar por uma afirmação: uma alinhada aos estágios 4 ou 5 (indicando maior maturidade e pensamento crítico) e outra direcionada aos estágios 2 ou 3 (refletindo uma fé mais literal ou dependente de autoridades externas). O diagnóstico final baseia-se na soma

desses pontos, tratando a maturidade religiosa como um construto latente, uma variável interna que não vemos diretamente, mas que se manifesta nas respostas dadas aos itens.

Um ponto técnico relevante diz respeito à estrutura interna da escala. Segundo Leak (2008), embora modelos estatísticos com dois fatores tenham sido testados, a correlação entre eles foi extremamente alta ($r = 0,91$), o que indica que ambos mediam praticamente a mesma dimensão. Por esse motivo, optou-se pelo modelo de fator único, para um entendimento mais simples e integrado quando os resultados são semelhantes. Essa escolha é também a mais coerente com a proposta de Fowler, que vê o desenvolvimento da fé como um processo unificado.

Dessa forma, a pontuação obtida representa de forma consistente a maturidade religiosa do fiel: quanto maior o escore, maior a inclinação para uma fé autônoma; quanto menor, maior a dependência de referências externas. Ainda que os itens 5 e 6 apresentem menor capacidade de diferenciação em certos contextos, a escala como um todo permanece uma medida sólida e válida para mapear o percurso entre o convencional e o reflexivo.

4.2 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA E DO CAMPO DE PESQUISA

Esta seção dedica-se à descrição detalhada do ambiente no qual a investigação foi conduzida, bem como ao perfil demográfico e sociorreligioso dos sujeitos que compuseram a amostra deste estudo. A contextualização do campo de pesquisa e a caracterização dos participantes são fundamentais para assegurar a validade dos dados e permitir uma compreensão profunda das nuances que envolvem os estágios de desenvolvimento da fé na comunidade investigada.

4.2.1 O contexto institucional: Primeira Igreja Evangélica Batista em Guaianases

A pesquisa de campo que fundamenta este estudo foi realizada na Primeira Igreja Evangélica Batista em Guaianases (PIBG), instituição de relevância histórica e social situada na zona leste de São Paulo. Fundada em meados do século XX, a PIBG celebra 76 anos em 2026, consolidando-se como um pilar da tradição batista na região. Com uma frequência semanal média de 500 fiéis, a instituição apresenta um ambiente eclesial diversificado. Essa vivência comunitária caracteriza-se por ser "transgeracional", o que, segundo o referencial teórico, é o cenário ideal para que a fé se manifeste como um "verbo" praticado em relacionamentos (WESTERHOFF III, 1976 apud INGEBRITSON, 1989, p. 21).

A escolha da PIBG justifica-se pela longevidade de sua Escola Bíblica, que mantém uma estrutura de ensino bíblico formal ininterrupta. Atualmente, os adultos batizados

distribuem-se em salas segmentadas (mulheres, homens e casais), com uma frequência média de 85% dos participantes. Esse cenário é propício para a investigação dos estágios de fé, pois permite observar indivíduos expostos a décadas de ensino tradicional, o que pode atuar tanto como base formativa quanto como um "fator de retenção" no estágio 3 (Fé Sintético-Convencional), caso a teologia enfatize excessivamente a lealdade institucional (DOWNS, 2001, p. 143).

Além disso, a presença de novos membros e de uma sala de jovens adultos oferece o contraste necessário para identificar a emergência do "ego executivo" e o processo de autoautorização. A heterogeneidade da PIBG permite, portanto, analisar se a pedagogia aplicada tem auxiliado o fiel na transição para a Fé Individuativo-Reflexiva (estágio 4), em que se assume a responsabilidade pessoal pelas próprias crenças, ou se a estrutura de ensino tem mantido os alunos em uma posição de "membros consumidores" (FERREIRA, 2015, p. 16; DOWNS, 2001, p. 150).

4.2.2 Perfil demográfico e geracional dos participantes

O universo amostral desta pesquisa é constituído por 51 participantes que responderam voluntariamente ao instrumento, representando uma parcela ativa da comunidade da PIBG. Em termos etários, a amostra apresenta uma amplitude significativa, compreendendo indivíduos com idades entre 23 e 83 anos. Essa distribuição é fundamental para a análise, uma vez que a teorização de James Fowler pressupõe que o amadurecimento da fé é um processo gradual de evolução que ocorre ao longo de todo o ciclo vital.

Conforme discutido anteriormente, essa realidade multigeracional revela que diferentes experiências históricas, sociais e religiosas influenciam a maneira como o indivíduo constrói sua percepção da realidade última. Os dados coletados, especialmente por meio do item 8 da FDS, que avalia a relevância das tradições da infância em relação à orientação religiosa atual, demonstram que características de autonomia e pensamento crítico manifestam-se em participantes de diversas faixas etárias. Isso corrobora o argumento de que o avanço para a Fé Individuativo-Reflexiva (estágio 4) não é um resultado automático do envelhecimento biológico, mas decorre de uma "mudança qualitativa nas estruturas de sentido e na localização da autoridade" (FOWLER, 1992 apud DOWNS, 2001, p. 150).

Dessa forma, o amadurecimento da fé na amostra da PIBG parece estar mais relacionado à capacidade do indivíduo de integrar suas experiências e crises do que meramente à passagem do tempo. A heterogeneidade da amostra permite que a pesquisa identifique as nuances das transições de estágio: enquanto o estágio 4 costuma emergir no

início da fase adulta, quando surge a necessidade de um "ego executivo" que assume a responsabilidade pelas próprias crenças, o estágio 5 (Fé Conjuntiva) é mais comum em adultos maduros que desenvolveram a capacidade de integrar paradoxos e conviver com o mistério.

Nesse sentido, o perfil demográfico identificado fornece a base necessária para analisar se a estrutura pedagógica da Escola Bíblica tem acompanhado as demandas formativas de cada fase da vida. O objetivo final desta análise é verificar se o ensino oferecido tem impulsionado os participantes para além do estágio 3 (Fé Sintético-Convencional), permitindo que deixem o perfil de "membros consumidores" para se tornarem "discípulos multiplicadores" capazes de partilhar virtudes com o mundo (FERREIRA, 2015, p. 16; DURÃES; RAMIRO, 2018, p. 4).

4.2.3 Trajetória espiritual e experiência na educação cristã

No que tange à maturidade religiosa e ao tempo de caminhada cristã, a amostra revela trajetórias extremamente diversas, com respondentes que variam de recém-convertidos a veteranos com até 58 anos de vida cristã. Essa variação é acompanhada por uma expressiva fidelidade à Escola Bíblica, com participantes que relatam décadas de assiduidade ininterrupta, remontando, em alguns casos, a mais de 50 anos de convivência institucional.

De acordo com Fowler, a fé deve ser compreendida como uma "orientação existencial" que molda o modo como o indivíduo constrói sua percepção da "realidade última" (FOWLER, 1981 apud LEAK, 2008, p. 3). Nesse sentido, o longo tempo de exposição ao ensino da PIBG sugere que os participantes possuem uma base sólida de lealdade institucional, traço central do estágio 3 (Fé Sintético-Convencional). No entanto, é fundamental pontuar que o amadurecimento da fé não ocorre por mero acúmulo de informações bíblicas ou pela simples passagem dos anos, mas por meio de uma mudança qualitativa nas estruturas de sentido e na localização da autoridade (FOWLER, 1992 apud DOWNS, 2001, p. 150).

A permanência prolongada em um sistema de crenças inquestionáveis pode oferecer um "grande conforto" ao criar categorias seguras entre o certo e o errado, mas corre o risco de atuar como um "fator de retenção" (DOWNS, 2001, p. 143). Essa retenção ocorre quando a teologia enfatiza a lealdade à instituição em detrimento do desenvolvimento da autonomia, impedindo que o fiel assuma a responsabilidade pessoal por suas crenças.

Portanto, o desafio desta análise é identificar se essa extensa trajetória na EBD resultou em uma fé meramente reprodutiva ou se permitiu a emergência de um "ego executivo" capaz de reflexão crítica. Através da escala FDS, busca-se verificar se a longevidade institucional na PIBG tem favorecido a transição para a Fé Individuativo-Reflexiva (estágio 4) ou se tem mantido

o fiel dependente de uma fé performática e controlada pelo ambiente eclesial (DOWNS, 2001, p. 143; LEAK, 2008, p. 8).

4.2.4 Origem da fé entre os participantes

A origem da fé dos participantes é um fator determinante para compreender a dinâmica de amadurecimento espiritual na PIBG. A amostra é composta tanto por indivíduos que cresceram em lares cristãos, vivenciando uma "fé herdada", quanto por aqueles que se converteram na idade adulta, oriundos de outros contextos religiosos ou sem religiosidade prévia. Essa distinção é fundamental para a análise do Item 8 da escala FDS, que confronta a importância das tradições da infância com a relevância da orientação religiosa atual.

Participantes que cresceram na instituição e mantêm uma continuidade linear com a fé comunitária tendem a refletir as características do estágio 3 (Fé Sintético-Convencional), no qual a identidade e o sentido de pertença são buscados na lealdade ao grupo e em um sistema de crenças inquestionáveis. Em contraste, a transição para a Fé Individuativo-Reflexiva (estágio 4) exige que o indivíduo assuma a responsabilidade pessoal por suas crenças, o que frequentemente envolve submeter as tradições recebidas a uma investigação crítica conduzida por um "ego executivo". Assim, a origem da fé influencia se o fiel permanece no "grande conforto" das categorias herdadas ou se avança para o processo de autoautorização, necessário para uma fé autônoma e reflexiva.

4.2.5 Justificativa da amostra para a validade do estudo

Embora a amostra de 51 participantes represente aproximadamente 10% da frequência semanal média da PIBG, sua validade para este estudo é sustentada por critérios técnicos e qualitativos. Primeiramente, a maioria dos respondentes é frequentadora assídua da Escola Bíblica, o público-alvo central desta investigação sobre a eficácia da Educação Cristã. Além disso, a robustez dos dados é garantida pela escolha da Escala de Desenvolvimento da Fé (FDS) como instrumento de medição.

Como defendido por Leak (2008), a FDS é uma medida breve, objetiva e psicometricamente sólida, que funciona como um indicador confiável de um único construto latente: o desenvolvimento global da fé. A pesquisa de Leak confirma que, embora modelos complexos de dois fatores tenham sido testados, a alta sobreposição entre eles ($r = 0,91$) justifica a adoção de um modelo de fator único pela sua parcimônia e fidelidade à estrutura de Fowler. Portanto, a qualidade das respostas coletadas na PIBG fornece um índice estatisticamente consistente da maturidade religiosa daquela comunidade, permitindo um diagnóstico preciso sem a necessidade de procedimentos exaustivos. Esta caracterização

detalhada demonstra que o campo de pesquisa não é um grupo estático, mas uma comunidade viva em constante processo de ressignificação de sua fé.

5. ANÁLISE DOS DADOS: O PERFIL DA FÉ DA PIBG À LUZ DE FOWLER

Nesta seção, os dados obtidos por meio da aplicação da Escala de Desenvolvimento da Fé (FDS) são analisados à luz da teoria dos estágios de James Fowler. A FDS foi projetada como uma medida breve e objetiva para avaliar o "estilo de fé" ou o desenvolvimento global da fé, permitindo identificar a transição entre estágios convencionais e reflexivos. A pontuação global da escala, que varia de 0 a 8, reflete a variável latente do desenvolvimento da fé, onde escolhas alinhadas aos estágios 4 ou 5 indicam maior maturidade e autonomia.

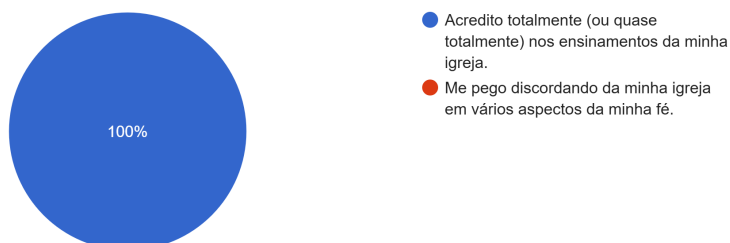
5.1 ITENS 1 E 2: A BASE DA FÉ SINTÉTICO-CONVENCIONAL

Os resultados dos itens 1 e 2 demonstram que a comunidade pesquisada possui uma fundamentação sólida no estágio 3 (Sintético-Convencional). No item 1, a quase totalidade dos 51 participantes optou pela alternativa A, afirmando acreditar totalmente nos ensinamentos de sua igreja. Da mesma forma, no item 2, a maioria absoluta selecionou a opção de que a igreja oferece uma visão completa do que Deus deseja.

De acordo com Fowler, essa tendência reflete uma fé caracterizada pela lealdade institucional e pela conformidade com as crenças compartilhadas pelo grupo de pertencimento. No Estágio 3, a autoridade é majoritariamente externalizada, e o indivíduo tende a internalizar as expectativas da comunidade sem uma diferenciação crítica clara entre a sua perspectiva pessoal e a do grupo.

Gráfico 1 – Item 1 da FDS

Como você se sente em relação aos ensinamentos da sua igreja?
51 respostas



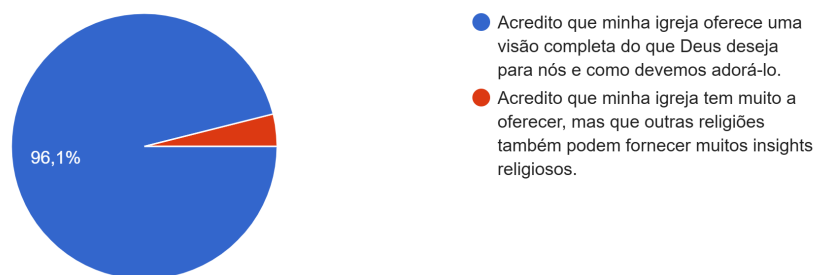
O gráfico acima ilustra a homogeneidade das respostas, confirmando que a identidade religiosa dos membros é fortemente mediada pelas relações interpessoais e pela confiança nas autoridades eclesiais, conforme previsto para o estágio 3.

O segundo item avalia se o fiel considera que sua igreja oferece uma "visão completa" do desejo de Deus (opção A) ou se reconhece que outras religiões podem fornecer insights valiosos (opção B).

Gráfico 2 – Ensinaamentos de outras reiligões

O que você pensa sobre os ensinamentos da sua igreja e de outras religiões?

51 respostas



Os resultados, ilustrados no gráfico acima revelam uma tendência similar ao item anterior: a predominância absoluta da visão de que a PIBG detém a compreensão integral da adoração e da vontade divina.

Esta percepção de completude doutrinária é um traço distintivo da fé do Estágio 3, que prioriza a lealdade institucional. A recusa em reconhecer valor em outras perspectivas religiosas (Fator II da escala de Leak) demonstra que o grupo ainda não avançou para a Fé Conjuntiva (Estágio 5), que é marcada pela capacidade de integrar paradoxos e de se abrir para a verdade no "outro" sem perder a própria identidade.

Apenas casos isolados na amostra, demonstraram abertura para insights de outras religiões, sugerindo o início de uma transição para uma fé mais dialógica. Para a grande maioria, a fé manifesta-se como um conjunto de conceitos fechados, o que enquadra o perfil do grupo como "membros consumidores" que buscam segurança na estrutura eclesial, em vez de "discípulos multiplicadores" preparados para o diálogo em uma sociedade pluralista.

5.2 ITENS 3 E 4: EMERGÊNCIA DO “EGO EXECUTIVO” E DA FÉ INDIVIDUATIVO-REFLEXIVA

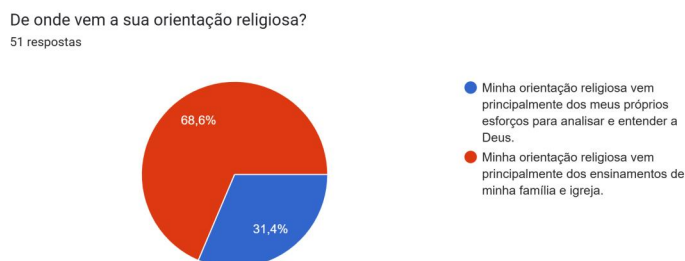
Em contraste com a uniformidade dos itens anteriores, os itens 3 e 4 revelaram uma transição significativa para o estágio 4 (Individuativo-Reflexivo) em parte da amostra. No item 3, um número expressivo de participantes afirmou ser "muito importante examinar criticamente as crenças religiosas e valores".

Gráfico 3 – Postura dos participantes diante das crenças religiosas



No item 4, diversos fiéis indicaram que sua orientação religiosa advém de "esforços próprios para analisar e entender a Deus", conforme abaixo:

Gráfico 4 - Origem da orientação religiosa dos participantes



Esses resultados sinalizam o surgimento do "ego executivo" e de tendências críticas, onde a pessoa passa a assumir a responsabilidade consciente por sua própria visão de mundo. A escolha por essas opções na escala FDS pontua favoravelmente para um desenvolvimento de fé elevado, marcando o distanciamento necessário dos sistemas de valores herdados para uma apropriação mais autônoma das convicções. Essa sistematização das crenças, embora gere tensões, representa um aprofundamento crítico onde a fé se torna uma escolha refletida.

Os gráficos demonstram que, embora a lealdade institucional persista, há um movimento interno na comunidade em direção à reflexão sistemática, o que justifica a necessidade de abordagens pedagógicas na EBD que favoreçam essa autonomia.

5.2.1 Observações sobre itens psicométricos de baixa variância

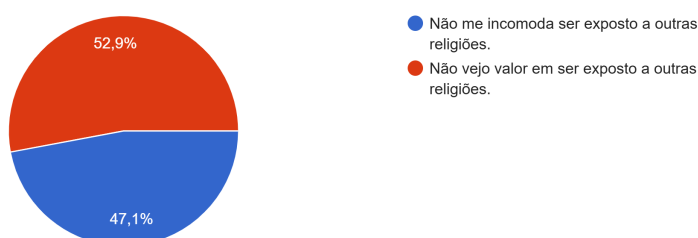
A análise prossegue para os itens 5 e 6, que exploram a relação do fiel com a alteridade religiosa e os impactos de seu crescimento espiritual nos círculos de convivência primária. É relevante notar que, do ponto de vista psicométrico, Leak (2008) identificou estes como os itens mais "fracos" da escala devido à baixa variância e comunalidade em suas amostras iniciais. No entanto, para uma análise qualitativa no contexto da Educação Cristã, eles oferecem dados valiosos sobre a transição entre a fé herdada e a fé assumida. Exposição a outras religiões e abertura ao diálogo

5.3 ITEM 5: LEALDADE INSTITUCIONAL

O quinto item da escala avalia a disposição do indivíduo em ter contato com outras tradições religiosas. Os resultados da PIBG mostram uma divisão significativa: enquanto uma parcela dos respondentes afirma que "não se incomoda ser exposto a outras religiões" (opção A), uma quantidade expressiva selecionou a alternativa "não vejo valor em ser exposto a outras religiões" (opção B).

Gráfico 6 - Reação dos participantes ao contato com outras tradições religiosas

Como você se sente ao ter contato com outras religiões?
51 respostas



A escolha pela opção B reforça a estrutura de Fé Sintético-Convencional (Estágio 3), caracterizada pela busca de segurança em um sistema de crenças que funciona como uma barreira protetora de "nós contra eles". De acordo com Downs (2001), essa postura pode ser um sintoma de uma teologia que enfatiza excessivamente a lealdade institucional, atuando como um fator de retenção que impede o fiel de desenvolver a humildade necessária para reconhecer a verdade no "outro". A ausência de abertura ao diálogo pluralista mantém o indivíduo no perfil de "membro consumidor", dependente de um ambiente controlado para manter sua estabilidade religiosa.

5.4 ITEM 6: O CUSTO DO CRESCIMENTO E A EMERGÊNCIA DA AUTONOMIA

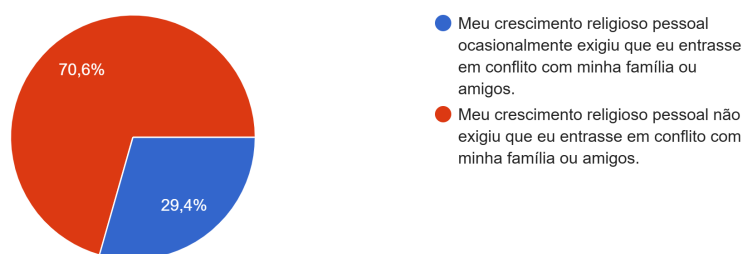
O item 6 investiga se o processo de crescimento religioso exigiu que o fiel entrasse em conflito com familiares ou amigos. Os dados da PIBG revelam uma predominância absoluta da opção B: "Meu crescimento religioso pessoal não exigiu que eu entrasse em conflito com minha família ou amigos".

Teoricamente, a ausência de conflitos sugere uma caminhada religiosa de continuidade e conformidade com o grupo social, o que é típico do estágio 3. Fowler aponta que a transição para a Fé Individuativo-Reflexiva (Estágio 4) é frequentemente marcada pela emergência de um "ego executivo" que submete as práticas do grupo à crítica. Esse processo de autoautorização pode gerar sentimentos de "culpa e perda", pois a comunidade que antes nutria o fiel passa a ser objeto de questionamento.

Gráfico 7 – Avaliação dos participantes acerca de sua trajetória de fé

Como foi o seu processo de crescimento na fé até aqui?

51 respostas



Conforme mostrado acima, a raridade de respostas que indicam conflitos (opção A) na amostra sugere que a maioria dos participantes ainda não vivenciou a ruptura necessária para a construção de uma fé autônoma. Conforme Downs (2001), sem essa fase de distanciamento crítico, a fé corre o risco de permanecer "meramente performática", impedindo que o adulto assuma a responsabilidade pessoal por suas próprias crenças e valores fora do ambiente protegido da igreja.

É relevante notar que, em consonância com as análises confirmatórias de Leak (2008), os itens 5 e 6 (referentes à exposição a outras religiões e conflito familiar) apresentaram-se como os elementos mais frágeis da amostra com o item 5 registrando uma variância extremamente baixa. Muitos respondentes indicaram não ver valor em outras religiões ou não ter passado por conflitos familiares no crescimento da fé.

Essa tendência encontra explicação teórica nas características da Fé Sintético-Convencional (Estágio 3). Segundo Downs (2001), indivíduos nesse estágio possuem uma

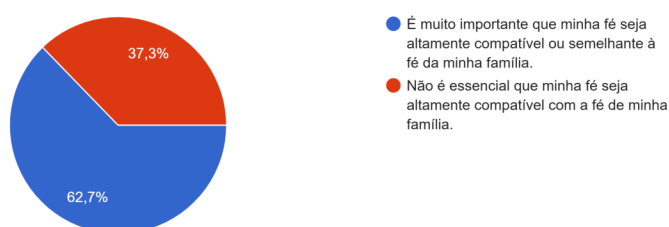
identificação tão extrema com a igreja que qualquer tipo de conflito ou controvérsia interna é percebido como "altamente ameaçador". Além disso, a tendência à conformidade e a submissão à "tirania do eles" criam categorias seguras e delineamentos rígidos entre o "nós" e o "eles", o que desencoraja o reconhecimento de valor em outras religiões e oculta possíveis tensões de amadurecimento em favor da harmonia grupal.

5.5 ITENS 7 E 8: AUTONOMIA VIA CONVERSÃO E RESSIGNIFICAÇÃO DA TRADIÇÃO

O bloco final de análise da escala FDS concentra-se na relação do indivíduo com sua herança familiar e as tradições religiosas da infância. De acordo com a estrutura fatorial proposta por Leak (2008), os itens 7 e 8 são componentes centrais do Fator I, que mensura o "ego executivo", as tendências críticas e os aspectos de autodeterminação do desenvolvimento da fé. Esta análise é crucial para identificar se o fiel permanece em uma fé herdada ou se avançou para uma fé assumida com autonomia.

Gráfico 7: Compatibilidade da fé com a fé da família

Qual a importância da fé da sua família para você?
51 respostas



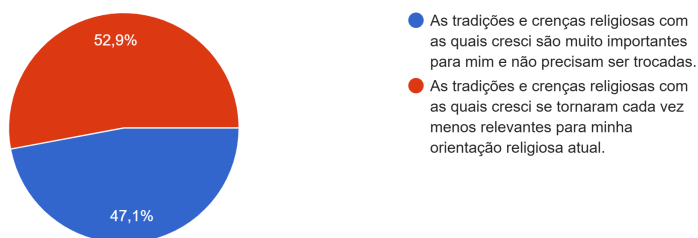
O sétimo item avalia o nível de necessidade de conformidade do fiel com seu sistema de origem. A opção A reflete a estrutura do estágio 3 (Fé Sintético-Convencional), onde a identidade é buscada no refúgio da comunidade e na lealdade institucional. Por outro lado, a opção B sinaliza o processo de autoautorização, no qual o adulto assume a responsabilidade pessoal por suas crenças, independentemente da validação de seus antepassados.

Nos dados coletados na PIBG, observa-se que, embora o diagnóstico geral aponte para uma predominância do Estágio 3, o Item 7 revela os primeiros sinais de tensão e diferenciação. Enquanto muitos respondentes reafirmam a importância da compatibilidade familiar, um grupo relevante já sinaliza que essa semelhança não é essencial. Segundo Downs (2001), essa busca por autonomia é um passo necessário para o amadurecimento, embora possa gerar sentimentos de "culpa e perda" ao romper com o que antes nutria o indivíduo.

O oitavo item complementa essa análise ao verificar se as tradições da infância permanecem estáticas (opção A) ou se tornaram "cada vez menos relevantes" (opção B) diante da orientação religiosa atual.

Gráfico 8 - Tradições religiosas familiares

Como você vê hoje as tradições religiosas em que foi criado?
51 respostas



Para evoluir rumo ao estágio 4 (Fé Individuativo-Reflexiva), o fiel precisa investigar o significado por trás dos rituais e dogmas, deixando de ser um mero repetidor de tradições para se tornar um sujeito consciente de suas práticas.

Os resultados da PIBG para o item 8 demonstram que participantes que cresceram na instituição tendem a apresentar maior dificuldade de ruptura, mantendo a tradição como um "fator de retenção" que oferece segurança e categorias claras entre o certo e o errado. Entretanto, aqueles que demonstram autonomia neste item evidenciam uma mudança qualitativa nas estruturas de sentido, deslocando a autoridade da tradição externa para a consciência interna.

A análise conjunta dos itens 7 e 8 permite concluir que o campo de pesquisa da PIBG vive a tensão entre a preservação da memória religiosa e a necessidade de amadurecimento pedagógico. A predominância de respostas alinhadas ao estágio 3 confirma que a comunidade ainda encontra um "grande conforto" na manutenção das estruturas herdadas.

5.6 SÍNTESE PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA

A análise dos dados coletados na Primeira Igreja Batista em Guaianases (PIBG) revela um cenário de profunda lealdade institucional, acompanhado de sinais de estagnação no desenvolvimento da fé dos membros. O diagnóstico evidenciou que a totalidade dos respondentes está fundamentada na estrutura de Fé Sintético-Convencional (Estágio 3),

demonstrando um perfil de lealdade integral, mas potencialmente dependente da estrutura da igreja.

Embora essa fase ofereça um "grande conforto" ao estabelecer categorias seguras entre o certo e o errado e uma barreira protetora de "nós contra eles", ela apresenta riscos para o amadurecimento (DOWNS, 2001, p. 143). Como observado nos resultados da Escala de FDS (LEAK, 2008, p. 124), a amostra apresenta uma forte dependência da autoridade externa, o que pode atuar como um "fator de retenção", impedindo que o fiel desenvolva a autonomia necessária para viver sua fé de forma autêntica fora do ambiente eclesial (DOWNS, 2001, p. 143).

Para que a Educação Cristã na PIBG alcance seu objetivo de promover a "formação integral da pessoa humana" e produza virtudes que transbordem para a esfera pública, é imperativo incentivar a transição para os estágios posteriores (DURÃES; RAMIRO, 2018 apud FERNANDES, 2026, p. 1). Esse avanço não ocorre por mero acúmulo de informações, mas por uma mudança qualitativa nas estruturas de sentido que exige a emergência de um "ego executivo" e o processo de autoautorização, no qual o adulto autoriza a si mesmo a fazer escolhas baseadas na própria consciência (FOWLER, 1992 apud DOWNS, 2001, p. 150).

O desafio pedagógico da instituição consiste em impulsionar o fiel para além do papel de "membro consumidor", conduzindo-o ao perfil de "discípulo multiplicador" (FERREIRA, 2015, p. 16). Somente através desse desenvolvimento, que culmina na Fé Conjuntiva (Estágio 5), capaz de integrar paradoxos e dialogar com a sociedade pluralista (DOWNS, 2001, p. 145), a fé deixará de ser compreendida apenas como um conjunto de conceitos para se manifestar como um "verbo" praticado em uma comunidade "totalmente inclusiva e transgeracional" (WESTERHOFF III, 1976 apud INGEBRITSON, 1989, p. 21).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo diagnosticar a maturidade religiosa dos membros da Primeira Igreja Batista em Guaianases (PIBG), por meio da aplicação da *Faith Development Scale* (FDS), fundamentada na teoria dos Estágios da Fé, de James W. Fowler. A investigação possibilitou uma análise articulada entre os pressupostos teóricos da Educação Cristã e a realidade empírica observada no campo de pesquisa, permitindo compreender como a fé se estrutura e amadurece no contexto da Escola Bíblica.

A pesquisa evidenciou que a fé, embora essencialmente invisível, manifesta-se concretamente na realidade cotidiana por meio de atitudes, discursos e práticas que orientam o sentido da vida. Nesse contexto, a Educação Cristã foi compreendida como um processo de

formação integral, cujo propósito é moldar o indivíduo à luz das Escrituras, produzindo virtudes que transbordem para a família, para a comunidade e para o mundo. Contudo, o desenvolvimento deste estudo demonstrou que a concretização desse ideal enfrenta barreiras significativas relacionadas ao amadurecimento estrutural da fé.

Através da aplicação da FDS, validada como uma medida psicometricamente sólida e global do desenvolvimento da fé, constatou-se que a totalidade dos respondentes da PIBG encontra-se predominantemente fundamentada no estágio 3, denominado Fé Sintético-Convencional. A análise detalhada dos oito itens da escala evidenciou que a maioria dos participantes possui uma fé fortemente dependente do consenso do grupo, da validação comunitária e da autoridade institucional e ministerial, apresentando dificuldades em desenvolver uma perspectiva crítica e autônoma acerca de si mesmos, da comunidade e de suas próprias crenças.

A dedução central desta pesquisa é que, embora a lealdade institucional e o sentimento de pertencimento característicos do Estágio 3 sejam importantes para a coesão comunitária, essa mesma estrutura pode atuar como um “fator de retenção” espiritual. O diagnóstico revelou que o modelo tradicional de ensino, frequentemente centrado no conteudismo pedagógico e na reprodução de informações doutrinárias, nem sempre promove mudanças qualitativas nas estruturas de sentido dos indivíduos. Observou-se, inclusive, que participantes com décadas de assiduidade na Escola Bíblica permaneceram estruturalmente no mesmo estágio de fé, evidenciando que a longevidade no ensino bíblico não resulta, necessariamente, em amadurecimento espiritual reflexivo.

Tal constatação reforça a tese de Ferreira (2015), segundo a qual um dos grandes desafios da igreja contemporânea consiste em transformar “membros consumidores” em discípulos multiplicadores conscientes de seu sacerdócio (2015, p. 16-17). Nesse sentido, conclui-se que o amadurecimento da fé não ocorre pelo mero acúmulo de informações religiosas, mas exige uma reorganização interna da localização da autoridade, que deve migrar do externo para a consciência individual.

Ao longo da pesquisa, discutiu-se que a transição para o estágio 4 (Fé Individuativa-Reflexiva) demanda o desenvolvimento do chamado “ego executivo” e do processo de “autoautorização”, no qual o indivíduo passa a assumir responsabilidade pessoal por suas crenças e convicções. Essa mudança permite superar a dependência exclusiva da coletividade, da “tirania do eles” e do literalismo ingênuo, favorecendo uma fé mais consciente, crítica e autenticamente vivenciada.

Além disso, a investigação demonstrou que uma fé amadurecida tende a evoluir para a capacidade de integrar paradoxos, lidar com ambiguidades e dialogar com o pluralismo, características presentes no estágio 5, denominado Fé Conjuntiva. A análise técnica do instrumento de Leak (2008) reforçou a validade da pesquisa ao demonstrar que a FDS opera como um construto latente único e consistente, permitindo um diagnóstico preciso do estilo global de fé dos participantes.

Diante das deduções apuradas, sugere-se que a PIBG e demais instituições correlatas revisem suas propostas pedagógicas de Educação Cristã. Torna-se necessário que o ensino deixe de ser predominantemente reprodutivo para assumir caráter mais investigativo, reflexivo e experiencial, incentivando os alunos a buscarem significado para além da repetição de rituais e dogmas. Para que o fiel avance em sua maturidade espiritual, não basta apenas a transmissão sistematizada de conteúdo; é indispensável que a fé seja experimentada, refletida e processada pessoalmente.

Nesse contexto, o investimento em metodologias ativas apresenta-se como mediação pedagógica eficaz para preencher o “vácuo de maturidade” identificado na amostra pesquisada. Ao priorizar a participação ativa do aluno, a reflexão crítica e a responsabilização pessoal pela própria caminhada espiritual, tais metodologias possibilitam que o indivíduo deixe de ser objeto passivo da educação para tornar-se sujeito consciente de sua formação cristã.

Como aplicação prática, recomenda-se o desenvolvimento de currículos que estimulem a autonomia reflexiva, a responsabilidade pessoal pelas crenças e a construção do conhecimento mediante experiências significativas. Também se sugere a utilização de estratégias pedagógicas que preparem o indivíduo para viver sua fé de maneira autêntica nos diversos ambientes sociais, para além dos limites institucionais da igreja.

Em suma, conclui-se que o amadurecimento integral da fé na Escola Bíblica ocorre quando a verdade bíblica encontra espaço na experiência humana e se consolida em compromissos conscientes de transformação pessoal e comunitária. Assim, a Educação Cristã cumpre plenamente sua finalidade não apenas quando informa, mas quando forma sujeitos capazes de viver, refletir e testemunhar sua fé de maneira madura e responsável.

Por fim, para futuras pesquisas, recomenda-se o desenvolvimento de estudos longitudinais que acompanhem classes da Escola Bíblica que implementarem metodologias dialógicas e investigativas, especialmente o Método REI, a fim de mensurar estatisticamente possíveis avanços nos estágios de fé após a aplicação continuada dessas práticas

pedagógicas. Tais estudos poderão aprofundar a compreensão sobre como a Educação Cristã pode contribuir para a formação integral e transgeracional da fé cristã.

Referências

BÍBLIA. Bíblia Sagrada. Nova Almeida Atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

CUNHA, Marcia Borin da; OMACHI, Nathalie Akie; RITTER, Olga Maria Schimidt; NASCIMENTO, Jéssica Engel do; MARQUES, Glessyan de Quadros; LIMA, Fernanda Oliveira. Metodologias ativas: em busca de uma caracterização e definição. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 40, e39442, 2024. DOI: 10.1590/0102-469839442.

DOWNS, Perry G. *Ensino e Crescimento: uma introdução à educação cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

DURÃES; Ivan de Oliveira. RAMIRO; Elana Costa. *Educação Cristã: Reflexões sobre desafios e oportunidades*. São Paulo: Editora Reflexão, 2018.

FERREIRA, Marcos Paulo. *Escola Bíblica Discipuladora: formando líderes multiplicadores*. Rio de Janeiro: JMN, 2015.

FOWLER, James W. *Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido*. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

GROOME, Thomas H. *Educação Cristã*. [s.l.]: [s.n.], 1980. Apud RAMIRO, Elana Costa; DURÃES, Ivan de Oliveira. *Educação Cristã: reflexões sobre desafios e oportunidades*. Rio de Janeiro: Convicção, 2024, p. 195.

INGEBRITSON, Joel. The Stages of Faith Development. *Melanesian Journal of Theology*, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 7-24, 1989.

KOLB, David A. *Experiential learning: Experience as the source of learning and development*. New Jersey: Prentice-Hall, 1984.

LEAK, Gary K. Factorial Validity of the Faith Development Scale. *International Journal for the Psychology of Religion*, v. 18, n. 2, p. 123-131, 2008.

LEAK, Gary K.; LOUCKS, A. A.; BOWLIN, P. Development and initial validation of an objective measure of faith development. *International Journal for the Psychology of Religion*, v. 9, n. 2, p. 105-124, 1999.

A MENSAGEM: Bíblia em linguagem contemporânea. Tradução de Eugene H. Peterson. São Paulo: Editora Vida, 2011.

RAMIRO, Elana Costa; DURÃES, Ivan de Oliveira. Educação Cristã: reflexões sobre desafios e oportunidades. Rio de Janeiro: Convicção, 2024.

WESTERHOFF III, John H. Will our children have faith? New revised and expanded ed. [S. l.]: Morehouse Publishing, 2000. (e-book). ISBN 978-0-8192-2527-6.

APÊNDICE – INSTRUMENTO DE PESQUISA: QUESTIONÁRIO DE DESENVOLVIMENTO DA FÉ

Este questionário foi utilizado como instrumento de coleta de dados para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "Educação Cristã e os Estágios de Desenvolvimento da Fé: Um Estudo de Caso com Adultos em uma Comunidade Batista de São Paulo". O objetivo desta pesquisa foi compreender o amadurecimento na fé dos membros participantes da Escola Bíblica da Primeira Igreja Evangélica Batista em Guaianases (PIBG), à luz da teoria dos estágios de James Fowler. O instrumento é composto por perguntas de caracterização sociorreligiosa e pela *Faith Development Scale*, desenvolvida por Leak, Loucks e Bowlin (1999).

PARTE I – CARACTERIZAÇÃO DO PARTICIPANTE

Qual a sua idade?

Há quanto tempo você se considera convertido?

Você cresceu em um lar cristão?

Há quanto tempo você frequenta a Escola Bíblica?

PARTE II – ESCALA DE DESENVOLVIMENTO DA FÉ (FDS)

Instruções: Para cada um dos oito itens abaixo, escolha a opção (A ou B) que melhor descreve sua perspectiva atual sobre sua fé e religiosidade.

Item 1 (A) Acredito totalmente (ou quase totalmente) nos ensinamentos da minha igreja. (B) Me pego discordando da minha igreja em vários aspectos da minha fé.

Item 2 (A) Acredito que minha igreja oferece uma visão completa do que Deus deseja para nós e como devemos adorá-lo. (B) Acredito que minha igreja tem muito a oferecer, mas que outras religiões também podem fornecer muitos insights religiosos.

Item 3 (A) É muito importante para mim examinar criticamente minhas crenças religiosas e valores. (B) É muito importante para mim aceitar as crenças e valores religiosos de minha igreja.

Item 4 (A) Minha orientação religiosa vem principalmente dos meus próprios esforços para analisar e entender a Deus. (B) Minha orientação religiosa vem principalmente dos ensinamentos de minha família e igreja.

Item 5 (A) Não me incomoda ser exposto a outras religiões. (B) Não vejo valor em ser exposto a outras religiões.

Item 6 (A) Meu crescimento religioso pessoal ocasionalmente exigiu que eu entrasse em conflito com minha família ou amigos. (B) Meu crescimento religioso pessoal não exigiu que eu entrasse em conflito com minha família ou amigos.

Item 7 (A) É muito importante que minha fé seja altamente compatível ou semelhante à fé da minha família. (B) Não é essencial que minha fé seja altamente compatível com a fé de minha família.

Item 8 (A) As tradições e crenças religiosas com as quais cresci são muito importantes para mim e não precisam ser trocadas. (B) As tradições e crenças religiosas com as quais cresci se tornaram cada vez menos relevantes para minha orientação religiosa atual.

